

A ANDROGINIA DA MENTE EM KATHERINE MANSFIELD

Letícia de Souza GONÇALVES¹

Universidade Estadual Paulista – UNESP – Campus de Assis

RESUMO: A Literatura engloba vertentes distintas que ao mesmo tempo se agregam compondo um cenário sistemático interdependente. Uma obra literária abrange elementos analíticos que, sob a perspectiva da teoria da literatura, conduzem críticos, professores, alunos e leitores comuns por tendências interpretativas peculiares, sejam elas de ordem autoral, receptiva, histórica etc. Sendo a literatura um pensamento conjunto de uma época, escritores engajados captam sua realidade e, por meio de seu modo de formar, destacam o sublime de um cotidiano ordinário. Escritoras, especificamente, vêm transformando a atmosfera literária nesse sentido, sendo, por vezes, participantes ativas nesse engajamento histórico-cultural. Em vista disso, este trabalho tem como objeto de estudo a escritora neozelandesa Katherine Mansfield (1888 – 1925) e o contexto no qual sua obra *Bliss & other stories* (1919) insere-se. Contemporânea e companheira profissional da escritora e ensaísta inglesa Virgínia Woolf, Katherine Mansfield participou ativamente dos círculos intelectuais de sua geração e acompanhou a trajetória das escritoras do início do século XX. Dessa forma, este trabalho pretende abordar a androginia da mente como forma de crítica feminista implícita nos contos mansfieldianos, demonstrando seu engajamento social no papel de escritora e mulher.

PALAVRAS-CHAVE: literatura em língua inglesa; Katherine Mansfield; androginia.

ABSTRACT: *Literature includes different components that are added while composing an interdependent and systematic scenario. A literary work includes analytical elements, under the perspective of theory of literature, leading critics, teachers, students and ordinary readers by peculiar interpretative tendencies, whether in terms of copyright, responsive, historic etc. As the literature a set of thoughts from an age, engaged writers capture their reality and, through the forming mode, highlight the sublime of a regular routine. Women writers, specifically, are transforming the literary atmosphere in this direction, and sometimes active participants in historical and cultural engagement. So, this work has as object of study the New Zealand writer Katherine Mansfield (1888 - 1925) and the context in which her work Bliss & other stories (1919) sets. Contemporary and professional fellow of the English writer and essayist Virginia Woolf, Katherine Mansfield participated actively in the intellectual circles of her generation and followed the path of the writers of the early twentieth century. Thus, this study addresses the androgyny of the mind as a feminist critique implicit in the short stories by Katherine Mansfield demonstrating her social engagement in the role of writer and woman.*

KEYWORDS: *English literature; Katherine Mansfield; androgyny.*

A questão do gênero não está somente na relação escritor(a)/estilo literário, mas ainda na representação de personagens de ficção dentro da própria obra literária. No processo de criação de personagens, existe a duplicidade de vozes e de personalidades que gera um vínculo de dependência entre criador e criatura. Observando o escritor e o ser

¹ Pesquisa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP, número do processo 2010/16140-8.

ficcional de sua arte, estipulamos certas vias de análise pertinente ao estudo das representações de gênero e das identificações ideológicas.

Podemos encontrar narrativas dotadas de esmero estilístico e seres ficcionais de extrema penetração psicológica nos contos de Katherine Mansfield (1888-1925), cuja carreira literária, embora breve, produziu frutos relevantes às gerações posteriores. Sua obra é a expressão da inovação no que se refere, não somente à literatura produzida por mulheres, como também à produção literária de sua época. Tendo seu ápice literário nas décadas iniciais do século XX, a escritora neozelandesa mantinha um estilo peculiar, proporcionando a originalidade narrativa e a renovação do conto. Em um período de transformações literárias, focalizando a expressão dos sentimentos e a captação da consciência do personagem, as narrativas de Katherine Mansfield ganharam vitalidade e criaram raízes profundas no solo da literatura universal, enfatizando, assim, a particularidade e a essência do homem moderno.

Considerando a reiteração temática e estilística nas narrativas, o processo simultâneo de construção e desconstrução da noção de gênero revela a fluidez com que a autora lida com a natureza humana em seu aspecto de categorização social. Símbolos, mitos e elementos botânicos compõem alguns dos temas utilizados como recurso literário presentes em *Bliss & other stories*, cuja maestria artística dialoga com sua intrínseca manifestação sócio-cultural. Em vista disso, a referida simultaneidade de criar para destruir, ou ainda destruir para criar, resulta em um jogo de múltiplos pólos, em que a sociedade, categorizada às vistas da tradição inconsciente ligada a fatores biológicos, é retratada em sua forma fluente e desierarquizada.

A descategorização social referente ao sexo biológico dialoga com o conceito de feminismo desconstrutivista e de androginia abordados por Virginia Woolf em seu *A room of one's own* (1929). O feminismo panfletário regido pela segregação gendrada e alusão das diferenças não era o foco dessa geração de Virginia Woolf e Katherine Mansfield, reunida em parte no grupo de Bloomsbury. O círculo intelectual da época (início do século XX) rompeu visões tradicionais da arte, promovendo hibridismo de gêneros e conversões conceituais. Dentre estas, encontram-se os apontamentos woolfianos a respeito da constituição do(a) escritor(a) em seu processo de criação e, por conseguinte, da obra literária em seu caráter independente e ilimitado.

Desconstruindo pares dicotômicos como branco/negro, central/periférico, público/privado e homem/mulher, em que a prevalência de um pressupõe a marginalização do outro, tem-se a equivalência dos níveis e a ausência de padrão hegemônico. O excêntrico adquire papel relevante na ordem social e as diferenças não são ignoradas, mas sim repensadas a fim de miscigenarem-se. Tal miscigenação, ressaltada por Virginia Woolf no âmbito masculino e feminino, é capaz de promover uma espécie de igualdade de diferenças, já que a peculiaridade de cada gênero está presente no ser humano consciente de sua condição “criativa, incandescente e indivisa” (WOOLF, 1985, p. 129). Observamos, portanto, que desconstruindo hierarquias e assimilando a variabilidade de gêneros no processo criativo, a literatura não-panfletária alicerça suas bases na realidade, e não em homens e mulheres.

É com esse espírito unificador que a geração de escritoras do início do século XX, da qual Virginia Woolf era “*Angel in the House*”, pretendia abolir a excentricidade de uma

suposta escrita feminina, transpondo para a sua literatura elementos representativos dessa androginia da mente. A androginia da mente e a androginia do texto tornaram-se, assim, fatores indissociáveis à medida que a primeira irrompe a fertilização criativa. Logo, a reavaliação psicológica da categoria andrógina resultou na referida desconstrução dos pares dicotômicos no âmbito textual, pois, de acordo com Woolf, o amadurecimento humano anula a crença em lados distintos, fazendo-os um todo unificado.

Tais ideias de Virginia Woolf com relação ao papel da mulher no círculo literário não obtiveram recepção satisfatória por parte da tradicional crítica feminista da época, pois esta afirmava que a teoria da androginia anulava a natureza feminina em sua afirmação da diferença, compondo um universo massificado onde os direitos das mulheres continuariam marginalizados. Contudo, nas concepções de Woolf, o cânone literário transfere a integridade advinda do romancista, ou seja, aquilo que o romance apresenta ao leitor convence-o de que a vida possui aquela via. Sendo a integridade do romancista diferente da realidade de seu sexo, o texto deve exercer sua originalidade peculiar a cada leitura e interpretação, prevalecendo a literatura como veiculadora de uma fração do real. É por meio da desconstrução dos pares dicotômicos e da ambivalência dos elementos que a integridade do criador manifesta-se em sua criatura.

Ganhar quinhentas libras por ano e possuir um quarto próprio e, acima de tudo, em condições aprazíveis para o trabalho literário, é o fator que desencadearia a formação de escritoras de boa qualidade, dotadas de integridade. Nesse sentido, podemos afirmar que Virginia Woolf elabora uma sequência de etapas, pelas quais as mulheres do início do século XX passariam a fim de emanciparem-se como escritoras. A partir da autonomia social e financeira, a mulher escritora adquire o ambiente propício para o pleno desenvolvimento da carreira literária e, por conseguinte, estimula os sentidos para a prática da androginia textual. O incentivo de Woolf para tal prática é também uma forma de introduzir a mulher e a visão feminina no universo regido pela razão masculinizada e patriarcal daquela época, apresentando uma via distinta de se fazer literatura, seja para escritores, ou para escritoras.

As respostas negativas advindas de tais apontamentos estão relacionadas, não apenas às questões feministas intrínsecas ao âmbito social, como também à vida pessoal e profissional de Virginia Woolf. Elaine Showalter (1982, p. 281), por exemplo, afirma que a ênfase nessa escrita impessoal, assexuada e andrógina simboliza a luta de Woolf em busca de sua auto-definição e sua própria voz abafada por forças externas. Além disso, o conceito da androginia representaria um ideal utópico que logo se enfraqueceria em decorrência da carência de “entusiasmo e energia” (SHOWALTER, 1982, p. 263). Showalter declara, ainda, que o suicídio de Virginia Woolf representou o fracasso da androginia, apontando ocorrências conjugais, sexuais e psicológicas da ensaísta inglesa como fatores contraditórios à teoria.

O ideal andrógino já havia sido difundido anteriormente pelo escritor Samuel Taylor Coleridge (1772 – 1834) em seu *Specimens of the Table Talk*, ao afirmar que as grandes mentes devem ser andróginas, e nos estudos de Psicanálise do psiquiatra suíço Carl Gustav Jung (1875 – 1961), com a introdução dos termos *anima* e *animus*, denominados “imagens da alma”. Aproximando o ideal andrógino da crítica feminista, Virginia Woolf desnivelou a balança de gêneros, já que adicionou masculinidade à feminilidade pura e feminilidade à masculinidade hegemônica. Tal apagamento de

fronteiras aplicado à vivência feminina e à literatura resultou na negação dos princípios de cunho feminista, cujo intuito era a manifestação da mulher romancista pela elevação dos instintos do corpo.

Somente trinta anos após a morte de Virginia Woolf, o ideal andrógino, em sua acepção feminista, foi reconhecido como base para as criações literárias, cuja experiência autoral mostra-se por meio de sua integridade. Carolyn G. Heilbrun, em *Toward a Recognition of Androgyny* (1973), verifica que romances feministas diferem de romances andróginos no que se refere à sua recepção, ou seja, enquanto os leitores daqueles identificam-se com as personagens mulheres, os leitores destes identificam-se simultaneamente com as personagens homens e mulheres. Heilbrun afirma que seu objetivo com essa obra é resgatar a literatura do passado, fornecendo-lhe novas interpretações, e, nesse sentido, sugerindo novas maneiras de compreender a vida e a literatura do presente.

Assim como o título da obra propõe, trata-se de um *reconhecimento*, e não de uma *revolução*, já que a recuperação teórica e o distanciamento temporal fazem com que um conceito inepto torne-se a razão de um sistema e/ou de um movimento. Tal abordagem diacrônica da androginia permite clarificar valores não apenas humanos, como também feministas, situando Virginia Woolf e Katherine Mansfield em um patamar de destaque no círculo da crítica literária. Logo, *A room of one's own* e *Toward a Recognition of Androgyny* são referências relevantes aos estudos de gênero na obra mansfieldiana, uma vez que a (des)construção, a ambiguidade e a androginia representam noções equivalentes sob o ponto de vista de gênero.

Tendo isso em vista, selecionamos três contos da autora inseridos em *Bliss & other stories* (1919) a fim de avaliarmos a constituição das personagens dos sexos masculino e feminino, os distintos focos narrativos e a maneira como os comportamentos sociais são apresentados. “Je ne parle pas français”, “Mr Reginald Peacock’s Day” e “Feuille d’Album” possuem similaridades no que se refere aos seus protagonistas e ao relacionamento destes com a vida e com os personagens que dela fazem parte.

Em “Je ne parle pas français”, temos Raoul Duquette, um jovem literato afeminado envolvido em um triângulo amoroso ambíguo e desprezioso. “Mr Reginald Peacock’s Day”, por sua vez, apresenta a frugal rotina diária de um professor de canto vaidoso e orgulhoso, alheio às circunstâncias familiares e aos fatos terrenos e simples. De índole semelhante, Ian French é um pintor introspectivo e caseiro que descobre algo interessante na janela oposta à sua em “Feuille d’Album”. Os três protagonistas mansfieldianos elencados aqui possuem algumas similaridades quanto ao modo de construção e ainda de desconstrução. Eles representam o ponto central de um recorte aleatório da vida que adquire expressão significativa devido à sua poeticidade narrativa. É por meio dessa poeticidade que tais personagens revelam-se gradativamente como seres em constante desconstrução e ultrapassam as fronteiras do binômio causa/consequência.

A solidão de seus personagens é a via de acesso pela qual o leitor de Katherine Mansfield abrange universos íntimos e peculiares que, contudo, não deixam de representar fragmentos da vida passíveis de reverberar na memória de qualquer ser humano. Nas narrativas mansfieldianas, distâncias são abolidas e a visão do todo torna-se a visão do particular e do pessoal. Christine Baker (1998, p. vi), comparando *Bliss & other stories*

com *Dubliners* de Joyce, ilustra o tema recorrente em ambas e suas relações intra e extra textuais.

Like James Joyce's *Dubliners*, Mansfield's *Bliss* presents humanity in terms of the particular individual and often embodies disillusion or frustration. The physical isolation imposed by her illness seems to have given Mansfield a heightened awareness of spiritual loneliness, and the anguish of the lonely individual whose expectations are unfulfilled is a theme that recurs throughout *Bliss* and in her later stories.

Considerando tais apontamentos, tomemos primeiramente o enredo dos contos em questão para posteriores apreciações. “*Je ne parle pas français*” narra a história de um jovem literato francês que está em busca de constante inspiração para novas criações. Para tanto, ele vai com frequência a um café parisiense, observa os transeuntes e realiza anotações repentinas acerca da realidade captada. Um pedaço de mata-borrão com as palavras *Je ne parle pas français* sobre a mesa funciona como uma espécie de *déjà vu*, iniciando uma história em forma de *flashback*, na qual *Mouse* e Dick Harmon vão compor os lados de um triângulo amoroso, juntamente com o protagonista. Nesse triângulo, os símbolos e a descrição das personagens constituem os elementos essenciais para a ambiguidade de gênero e a referência ao ideal andrógino. O camundongo (*mouse*) e o cão, especificamente o Fox Terrier, são símbolos chave da narrativa, assegurando distintas forças atrativas entre as personagens e expressando o jogo mútuo de influências entre masculinidade e feminilidade.

Embora o protagonista se expresse de maneira vitimizada e não assuma seus reais objetivos, suas ações refletem sua hipocrisia, fazendo transparecer uma personalidade insegura e amoral. Se considerarmos o ponto de vista limitado do narrador protagonista, inferimos que as pessoas aproximam-se dele e, como ele afirma, fazem “*the first advances*”. Tanto mulheres como homens são atraídos por esse jovem e sério escritor francês de boas intenções, capaz de desenvolver relações de verdadeiro amor e, por vezes, amizade. Contudo, por detrás de um jovem atraente, oculta-se um indivíduo de interesses materiais, sem opção sexual definida e frustrado como escritor.

Em “*Mr Reginald Peacock's Day*”, o protagonista, cujo nome está presente no título do conto, é um vaidoso professor de canto de meia idade. Sua mulher Elsa e seu filho Adrian são seus laços familiares presentes em sua rotina diária, juntamente com suas alunas sonhadoras e românticas. Vendo-se como um ser supremo, dotado do verdadeiro espírito artístico e aristocrático de sua época, Reginald acredita que a família seja um atraso em sua vida, já que sua alma grandiosa está além de meras convenções sociais como, por exemplo, o casamento. Ele declara que se questiona diariamente acerca dos reais motivos pelos quais ele se casou com Elsa e, contudo, não obteve respostas satisfatórias. Segundo Reginald, portanto, não há nada mais fatal para um artista do que o casamento, a não ser após os quarenta anos.

Empecilhos familiares são substituídos por cartas exortadoras de seu talento ou pelas inúmeras alunas em busca de sua arte sublime. Ao ler em uma carta de uma senhora influente da sociedade dizendo que ele ensina o mundo a “escapar da vida”, o protagonista toma para si tais palavras, anulando sua esposa e filho a fim de dedicar-se às figuras influentes que lhe proporcionariam situações renomadas. A frase “*I should be only too charmed!*” é a saída para todas as situações, sejam elas embaraçosas, lisonjeadoras,

interrogadoras, entre outras. Tal frase abarca sentimentos diversos e sintetiza o que Reginald é incapaz de proferir de outras maneiras, isto é, apresenta em poucas palavras a futilidade da vida vã que leva.

“Feuille d’Album”, por sua vez, narra a história de Ian French, um jovem pintor introvertido e sistemático que mora sozinho em seu apartamento e por vezes frequenta um café nas proximidades. Seus gestos introspectivos despertam o interesse da população feminina que incessantemente objetiva despertá-lo para o amor. No entanto, as inúmeras investidas foram apenas tentativas, uma vez que seus resultados eram sempre “*hopeless*”. Até que, certo dia, Ian French avista uma moça na janela oposta à sua, vestindo um avental escuro e um lenço rosa e carregando um vaso de narcisos. Tal visão transforma sua vida e cria um ambiente de expectativa constante, pois a moça destaca-se naquele universo banal de um pintor sem esperanças e adquire significado aos seus dias. Sua curiosidade foi tamanha que Ian decide seguir aquela anônima pelas ruas e, ao vê-la comprando ovos, tem uma ideia. A moça chega à sua casa e Ian aborda-a na porta com um ovo na mão, dizendo que ela o deixou cair no caminho.

Três homens isolados em seus universos particulares representam indivíduos em processo de construção gradativa de si e de outro que pertence a ele, porém é seu lado inverso. O espelho apresenta-se nas três narrativas em questão e denota a noção de duplicidade andrógina das personagens. De acordo com o *Dicionário de símbolos* (2000, p. 393), o espelho reflete a verdade, a sinceridade, o conteúdo do coração e da consciência, além de fornecer uma imagem invertida da realidade.

Ao olhar para o espelho, Raoul Duquette vê-se com um sorriso dissimulado e astuto e, em seguida, “abre os olhos” e percebe que a vida continua. Notamos a dupla personalidade de Raoul Duquette, simbolizada pelo espelho para o qual ele olha constantemente e do qual retira impressões de um mundo à parte dele. Reginald Peacock vê-se no espelho pela manhã, ao vestir-se, afirmando que se sente satisfeito ao visualizar sua imagem refletida. Dentre os três, Ian French é o personagem detentor do reflexo mais significativo, já que, nesse conto, há um composto de símbolos inter-relacionados.

Em “Feuille d’Album”, Katherine Mansfield recriou o mito de Narciso e acrescentou símbolos significativos à composição do todo narrativo. Uma das versões é a de que Narciso possuía vários pretendentes masculinos e desprezava todos, até que, devido a uma maldição de um deles, Narciso apaixonou-se pela própria imagem refletida em um lago. Sua estagnação foi tamanha que ele permaneceu prostrado diante da sua imagem até a morte. As flores nascidas nesse local foram, assim, chamadas de Narcisos (*Narcissus Cyclamineus*).

Logo, o espelho é um dos elementos narrativos que atua como denunciador dessa personalidade obscura. Além dessa transcendência pessoal do protagonista observando-se no espelho, sua duplicidade e, por conseguinte, sua ambiguidade são reveladas a Dick após a construção de um relacionamento de cumplicidade.

But I was quite breathless at the thought of what I had done. I had shown somebody both sides of my life. Told him everything as sincerely and truthfully as I could. Taken immense pains to explain things about my submerged life that really were disgusting and never could possibly see the light of literary day. On the whole I had made myself out far worse

than I was – more boastful, more cynical, more calculating. (MANSFIELD, 1998, p. 51).

Assim, a vida de Raoul Duquette é formada de dois lados ligados ora à personalidade, ora à sexualidade e ora à moralidade. Além da índole dupla do protagonista, a ambigüidade mostra-se também em sua orientação sexual. Ao apresentar-se, Raoul Duquette revela um acontecimento marcante de sua infância e declara os possíveis motivos para a atração que todos possuem por ele. Despertadas as sensações sexuais aos dez anos de idade por uma negra lavadeira, Raoul obteve a precocidade de uma vida regida por conotações sexuais e liberdades levianas. No excerto seguinte, ele explicita o seu modo peculiar de olhar as pessoas ao redor, consequente de tal fato ocorrido há dezesseis anos.

[...] from that very first afternoon, my childhood was, to put it prettily, ‘kissed away’. I became very languid, very caressing, and greedy beyond measure. And so quickened, so sharpened, I seemed to understand everybody and be able to do what I liked with everybody. (MANSFIELD, p. 47 – 8).

Embora o protagonista tenha somente vinte e seis anos de idade, a perda de sua inocência infantil quando ainda garoto desenvolveu a experiência de vida e relacionamento e acarretou uma falsa autoconfiança no tratamento para com outras pessoas de ambos os sexos. Compreender todos e ser capaz de fazer o que gosta com todos é o resultado de tal iniciação precoce à sexualidade e é o ponto de partida que o leva ao conhecimento mais íntimo de homens e mulheres.

Dotadas de um lirismo extremo, suas descrições abrangem um universo repleto de pormenores e delicadezas. A feminilidade aflora-se ao leitor em cada descrição de minúcias do espaço físico e em cada confissão íntima do protagonista. À medida que o estilo de Katherine Mansfield nos desvela certo indício feminino nesses contos, as declarações dos protagonistas nos permitem concluir que a inclinação sexual dos mesmos é indefinida, em vista da presença de elementos narrativos que conduzem a interpretações diversas.

O fator que encerra a androginia de Raoul Duquette é o símbolo do “cão”. No decorrer da narrativa, o protagonista aborda uma raça de cão, denominando a si próprio um Fox-Terrier devido à semelhança de seu nariz ao focinho desse cão. Segundo o *Dicionário de símbolos* (2009, p. 176), o cão simboliza o herói civilizador, a potência sexual e a perenidade, além de ser um sedutor, incontinente e transbordante de vitalidade como a natureza. Tais aspectos complementam o caráter amistoso e sensual dessa figura atrativa – chamada Raoul Duquette – em direção da qual todos fazem as “primeiras avançadas”. Por outro lado, a simbologia do cão faz dele o oposto do que seu discurso apresentou até então, devido ao realce dado ao lado masculino, comprovando a revelação da dupla personalidade refletida pelo espelho.

O Fox-Terrier é um cão de origem inglesa e é conhecido como o caçador de animais em tocas, como raposas ou animais de pequeno porte (ratos, camundongos). Sendo um caçador de animais de tocas, o Fox-Terrier tem como estratégia de caça a observação e a espera paciente a fim de que sua presa deixe seu local de origem. Dessa maneira, a analogia do protagonista está intimamente relacionada com suas ações e descrições no decorrer da narrativa, isto é, a semelhança física do nariz de Raoul Duquette com o focinho

do referido cão abarca características intrínsecas de personalidade. Ele apenas espera a aproximação de outras pessoas, porém mantém-se atento às demonstrações de fraqueza e carência das mesmas, para, enfim, abordá-las sutilmente.

Em “Mr. Reginald Peacock’s Day”, o pavão é o símbolo chave, uma vez que, além de estar presente no nome do protagonista, indicia comportamentos do mesmo. De acordo com o *Dicionário de Símbolos* (2009, p. 693), o pavão é um símbolo solar e, por conseguinte, é signo de imortalidade e da dualidade psíquica do homem. Sua cauda em roda faz referência ao céu estrelado, representando “seja o universo, seja a lua cheia ou o sol no zênite”. Portanto, o pavão abarca tanto o princípio masculino (sol), quanto o feminino (lua), sugerindo o ideal andrógino woolfiano em Reginald. A vaidade excessiva e a sutileza nos movimentos configuram aspectos socialmente construídos de ambos os sexos, compondo uma personalidade dupla no que se refere à categorização de gênero.

O ideal andrógino em “Feuille D’Album” dá-se por meio da flor narciso, já mencionada anteriormente, e do ovo. Observando sua vizinha com traços físicos semelhantes aos seus na sacada à frente, Ian French projeta sua própria imagem, criando uma atmosfera dupla. O leitor de “Feuille D’Album” é inserido em um contexto ambíguo de dúvida constante na existência real da moça na sacada. Encerrando a narrativa, o ovo concentra os elementos até então apresentados, sugerindo a continuidade de uma história mais complexa. O ovo está relacionado à gênese do mundo, à realidade primordial e à multiplicidade dos seres, totalizando o princípio e o fim. Sendo assim, a apresentação do ovo por Ian French finaliza a história narrada e inicia algo novo, ou seja, uma nova maneira de visualizar o mundo e os seres. Logo, podemos inferir que o ovo sintetiza o ideal andrógino humano, sintetizado no homem Ian French e em sua projeção real ou utópica na sacada contrária.

Tem-se, nos três contos analisados, a reincidência de elementos simbólicos e, por vezes, mitológicos, tangenciados por uma aparente relação frugal entre indivíduos dos sexos masculino e feminino. É por meio do cotidiano e do natural que instintos humanos são revelados nas narrativas mansfieldianas, transformando a inspiração artística no café parisiense, o dia de um vaidoso professor de canto e a observação da vizinha na sacada, em questionamentos que ultrapassam a fronteira literária e desconstróem categorias socialmente constituídas. Papéis sociais tradicionais são desfeitos à medida que a noção de gênero é desconstruída, sugerindo o ideal andrógino de Virginia Woolf.

Katherine Mansfield participou ativamente dos círculos intelectuais de sua geração e acompanhou a trajetória das escritoras do início do século XX. Dessa forma, a androginia da mente e do texto está intrinsecamente relacionada à crítica feminista implícita nos contos mansfieldianos, demonstrando seu engajamento social no papel de escritora e mulher.

Referências

CHEVALIER, Jean; GREERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. 24^a ed. Tradução Vera da Costa e Silva. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

HEILBRUN, Carolyn G. **Toward a recognition of androgyny**. New York: W. W. Norton & Company, 1973.

JUNG, Carl G. **O eu e o inconsciente**. Tradução Dora Ferreira da Silva. 2ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1979.

MANSFIELD, Katherine. **Bliss & other stories**. Hertfordshire: Wordsworth, 1998.

SHOWALTER, Elaine. **A Literature of their own**. Great Britain: Princeton University Press, 1982.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.